



O PROCESSO DE HIBRIDAÇÃO CULTURAL DO ARTESANATO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS JÚLIO BORGES (SALTO DO JACUÍ, RS) E LINHA FÃO (ARROIO DO TIGRE, RS)

Jeniffer Hübner, graduada em Ciências Sociais e mestranda em Ciências Sociais - UFSM;

Eduarda Paz Trindade, graduanda em Ciências Sociais - Bacharelado - UFSM;

Lucas Moretz-Sohn David Vieira, mestre e doutorando em Extensão Rural (PPGExR) - UFSM;

José Marcos Froehlich, professor titular do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFSM.

RESUMO: O artesanato vem sofrendo transformações favorecidas pela globalização e pela interação cultural entre diferentes grupos e culturas. Nesse contexto ocorrem processos de hibridação cultural em que práticas tradicionais são atualizadas e ressignificadas para se adaptarem às demandas do mundo contemporâneo. Assim, buscamos compreender de que modo se manifesta o processo de hibridação cultural na produção do artesanato de duas comunidades quilombolas do território Centro-Serra do Rio Grande do Sul, Júlio Borges (Salto Do Jacuí) e Linha Fão (Arroio Do Tigre). Especificamente, identificar se o artesanato pode ser acionado como uma estratégia em nome do desenvolvimento territorial. Nosso contato com as comunidades se deu através da atuação do Núcleo de Estudos e Extensão em Desenvolvimento Territorial e Territorialidades (NEDET-UFSM) que visa promover ações de inclusão produtiva e gestão social naquele território. Realizamos a pesquisa a partir de observação participante, registros em diário de campo, entrevistas abertas e rodas de conversa durante oficinas de artesanato demandadas pelas comunidades e promovidas pelo NEDET. Ressaltamos a relevância de se aprofundar a reflexão sobre processos de hibridação cultural no RS, trazendo visibilidade a códigos, sociabilidades, saberes e fazeres ainda pouco valorizados, tanto nos meios acadêmicos quanto nos centros de pesquisa e inovação. Na segunda seção nos debruçamos sobre reflexões teóricas acerca do artesanato e dos processos de hibridação cultural. Na terceira seção descrevemos as oficinas realizadas pelo NEDET junto às comunidades. E por fim, as considerações finais sobre o processo de hibridação do artesanato.

Palavras chave: Artesanato. Hibridação cultural. Desenvolvimento territorial. Comunidade quilombola. Interculturalidade.



1. Introdução

Nos últimos anos, o artesanato sofreu transformações favorecidas pela globalização e pela interação cultural entre diferentes grupos e culturas. Neste âmbito, ocorrem processos de hibridação cultural em que práticas tradicionais são atualizadas e ressignificadas para se adaptarem às demandas do mundo contemporâneo. Assim, buscaremos compreender de que modo se manifesta o processo de hibridação cultural na produção do artesanato de duas comunidades quilombolas do território Centro-Serra do Rio Grande do Sul, Júlio Borges (Salto Do Jacuí) e Linha Fão (Arroio Do Tigre). E, em específico, identificar se o artesanato pode ser acionado como uma estratégia em nome do desenvolvimento territorial.

Nosso contato com as comunidades se deu através da atuação do Núcleo de Estudos e Extensão em Desenvolvimento Territorial e Territorialidades (NEDET-UFSM), que visa promover ações de inclusão produtiva e gestão social naquele território. Realizamos a pesquisa com base na observação participante, nos registros em diário de campo, nas entrevistas abertas e nas rodas de conversa durante oficinas de artesanato demandadas pelas comunidades e promovidas pelo NEDET. Ressaltamos a relevância de se aprofundar a reflexão sobre processos de hibridação cultural no RS, trazendo visibilidade a códigos, sociabilidades, saberes e fazeres ainda pouco valorizados, tanto nos meios acadêmicos quanto nos centros de pesquisa e inovação.

Esta pesquisa está organizada da seguinte maneira: na segunda seção, descrevemos as duas comunidades e traçamos um breve histórico; na terceira seção, nos debruçamos sobre reflexões teóricas acerca do artesanato e dos processos de hibridação cultural; na quarta seção, descrevemos as oficinas demandadas pelos grupos quilombolas e promovidas pelo NEDET junto aos informantes que realizamos a pesquisa fundamentada na observação participante, nos registros em diário de campo, nas entrevistas abertas e nas rodas de conversa. E, por fim, trazemos as considerações finais sobre o processo de hibridação do artesanato.

2. As comunidades Quilombolas Linha Fão e Júlio Borges



Localizadas no território Centro-Serra do Rio Grande do Sul, as duas comunidades possuem laços de parentesco, porém se encontram em municípios diferentes os quais são separados pelo rio Caixão.

A Comunidade Quilombola Linha Fão - como constitui-se atualmente - teve início a partir da década de 1970, quando famílias que viviam no que se denominou como “Terras de Aparício”, pela falta de documentos e instruções, foram obrigadas a se retirar do local em que viviam, a fim de que começassem a se deslocar para o espaço que atualmente vivem. O território atual possui uma área de 11 hectares (sendo que metade da extensão não é um terreno agricultável), constituída por 15 famílias. A distribuição das terras entre essas famílias não se deu de forma igualitária, o que exigiu diferentes estratégias de reprodução social (BUTI, 2014).

Até hoje, a maior parte das famílias não possuem a titularidade das terras, na verdade, só uma família detém a posse documentada de 5,5 hectares (dos 11 hectares totais da comunidade) e as outras famílias vivem como se as terras fossem "arrendadas" a elas. A maior parte do sustento vem do trabalho nas lavouras de fumo da região onde a comunidade está situada. É nessas propriedades que trabalham no fumo, além de plantarem, muitas vezes, verduras e legumes para o seu próprio sustento.

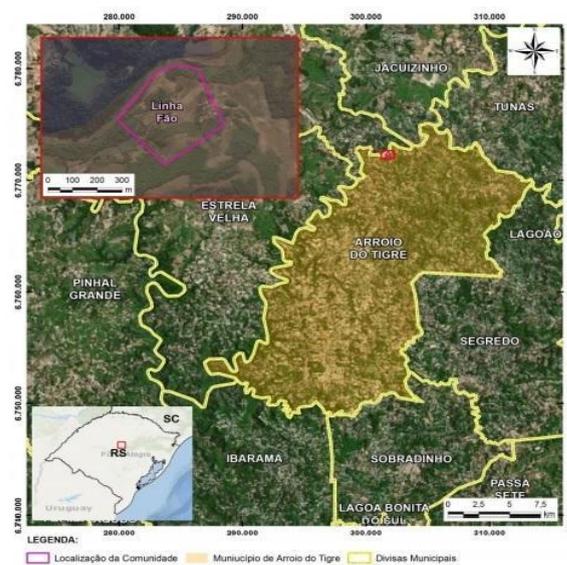
Já a Comunidade Quilombola de Júlio Borges, começou a ser constituída desde 1970, mesma localidade que hoje está constituída a Comunidade Quilombola Linha Fão. A comunidade está situada na localidade de mesmo nome, no município de Salto do Jacuí-RS por isto o nome Júlio Borges e, em 2016, eles tiveram suas terras tituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sendo que, de um total de 420 hectares (COELHO, 2014), metade é compartilhado com os indígenas Kaingang. Portanto, em 210 hectares é a morada de aproximadamente 44 famílias quilombolas da comunidade Júlio Borges.

Nessa comunidade, eles costumam cultivar produtos mais relacionados com a cultura quilombola e africana, como amendoim, batata-doce, abóbora e outras hortaliças, do amendoim, produzem rapaduras e pés de moleque (BAQUAQUA, 2017; GOMES, 2015; MOURA, 2020). Outra atividade é referente ao artesanato, em que através do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT), foram contemplados com máquinas de costura e, com estas, passaram a produzir mochilas e outras peças possíveis tais quais roupas customizadas, até mesmo com estampas

africanas. Também trabalham como mão de obra em lavouras de fumo da região, até mesmo do plantio de soja e na extração da pedra Ágata o município de Salto do Jacuí, na qual a comunidade está localizada, é considerada a capital mundial deste mineral, ainda que de forma desregulada não usam nenhum equipamento para a extração da pedra, e não tem registro para autorização de extração nas jazidas próximas. Esse trabalho, realizado em outras propriedades, é um complemento à renda quando a produção nas áreas quilombolas ainda não estão na fase de colheita.

Neste sentido, torna-se interessante situar o local atual dessas comunidades, assim como as áreas que um dia habitaram e que no caso da Linha Fão, até hoje são requeridas. Na figura 1, apresentamos inicialmente a localização da Comunidade Quilombola Linha Fão, no município de Arroio do Tigre-RS.

Figura 1: Localização da Comunidade Quilombola Linha Fão.



Fonte: (BUTI, 2014, p.19)

Na Figura 2, demonstramos a proximidade entre as três comunidades do Território Centro Serra (Júlio Borges, Linha Fão e Rincão dos Caixões).



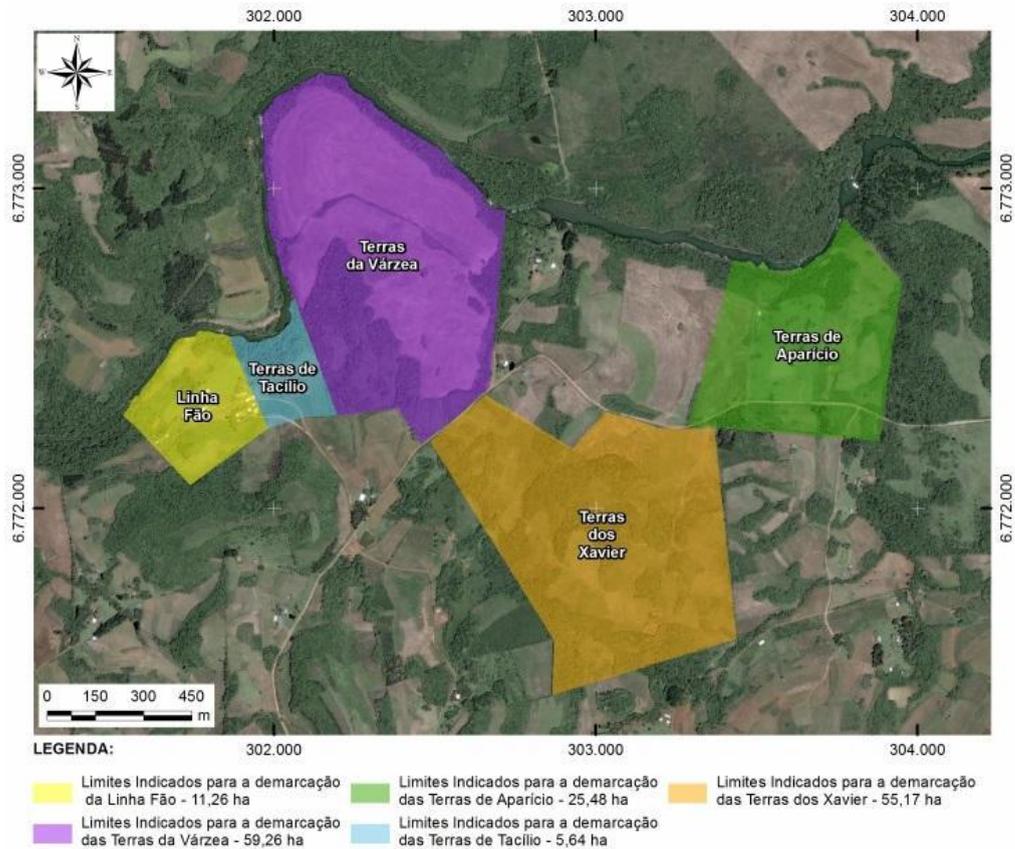
Figura 2: Proximidade das comunidades quilombolas.



Fonte: (BUTI,2014, p.43)

Na figura 3, demonstramos a área requerida pela Comunidade Quilombola Linha Fão (que até hoje não foi demarcada) e, ao mesmo tempo, tem-se a demonstração das áreas habitadas pelas famílias que atualmente constituíam as três comunidades quilombolas já mencionadas, antes de serem expropriadas.

Figura 3: Limites das comunidades quilombolas.



Fonte: (BUTI, 2014, p.235)

Sendo assim, é importante mencionar que os núcleos familiares que hoje constituem a Comunidade Quilombola Linha Fão, em Arroio do Tigre-RS, habitavam até os anos de 1970, as áreas reconhecidas por “Terras de Aparício” e “Terras dos Xavier”. Já os núcleos familiares que constituíram as Comunidades Quilombolas de Júlio Borges, em Salto do Jacuí-RS, e de Rincão dos Caixões, em Jacuizinho-RS, habitavam as “Terras da Várzea”, “Terras de Tacílio” e a própria Linha Fão. Desde 2014, todas estas áreas são reivindicadas pelos quilombolas da Linha Fão, uma vez que os quilombolas de Júlio Borges e de Rincão dos Caixões, já tiveram suas terras tituladas.

3. Artesanato, hibridação cultural e interculturalidade: Resignificações de um saber-fazer



Na presente seção nos debruçaremos sobre reflexões teóricas acerca do artesanato e dos processos de hibridação cultural. De modo a buscarmos compreender os conceitos de hibridação cultural e interculturalidade, bem como, explorar o conceito de artesanato.

Neste processo, de transformações nas produções de artesanato nas comunidades quilombolas Júlio Borges e Linha Fão, ocorrem processos de hibridação cultural. Segundo Néstor Garcia Canclini (1998) a hibridação é compreendida enquanto práticas ou estruturas discretas que se encontram separadas e se fundem, gerando novas práticas, estruturas econômicas e socioculturais. Ou seja, é a recontextualização ou a transformação cultural, que envolve atores sociais das classes populares e hegemônicas. O autor (IBIDEM) também aponta que a expansão urbana estimulou a hibridação cultural em que as práticas tradicionais acabam por ser resignificadas para se integrarem às demandas do mundo contemporâneo globalizado, evidenciando que não é uma simples mistura de estruturas ou práticas sociais.

Essas práticas que acabam por se fundir, elaboram novas estruturas, objetos e se modificam, como na produção territorial do artesanato dos nossos informantes. Tal reconversão na modificação do artesanato para usos modernos, a fim de comercializá-los, possibilita observar que o hibridismo tenta caracterizar exatamente esse caráter misto, bem como as intersecções interculturais, visto que “o culto, o popular e o massivo se inter-relacionam, se misturam; o tradicional se cruza com o moderno, diferentes culturas de diferentes países e regiões também se relacionam.” (CANCLINI, 1998, p.11).

Com isso, é importante destacar que a globalização não somente homogeneiza e integra culturas, mas também cria processos de estratificação, exclusão e segregação. A globalização é constantemente descrita como a grande expansão do sistema capitalista após a industrialização e, igualmente, da unificação dos sistemas financeiros, empresas produtivas, entretenimento e informação. Todavia, esta unificação global dos mercados de consumo é um instrumento que opera para reordenar as diferenças e produzir novas fronteiras menos ligadas aos territórios.

Desta forma, podemos compreender a globalização enquanto uma ferramenta que configura os meios de segregação. O antropólogo Canclini (2000) apresenta que nos campos culturais ela vai além da padronização e mercantilização de mercadorias. “Más bien se aprecia una tensión entre las tendencias homogenizadoras y comerciales de la



globalización, por un lado, y, al mismo tiempo, la valoración del arte y la informática como instancias para continuar renovar las diferencias simbólicas.” (IBIDEM, p.6).

Assim, vemos que o conceito de hibridação cultural está relacionado com a noção de interculturalidade e globalização. Os processos de hibridação cultural se dão em contextos de forte interação entre grupos e em decorrência das transformações das sociedades contemporâneas no contexto do capitalismo global. Nesse sentido, singularidades vinculadas a territórios são ressignificadas em seus usos e sentidos para se adaptarem às demandas do mundo contemporâneo. Por isso, a adaptação que ocorre nos processos de hibridação cultural tende a facilitar a mobilização destes bens culturais em nome do desenvolvimento territorial e a acioná-los como expressão da identidade territorial.

Buscamos entender como se manifestam esses processos de hibridação na produção atual do artesanato nas duas comunidades quilombolas do território Centro-Serra do RS por ser um território demarcado pela interculturalidade. Há a presença de diversos grupos sociais, dentre estes, quilombolas, indígenas, agricultores familiares e não familiares, agentes do Estado, extensionistas rurais e universitários.

Destaca-se, assim, que o artesanato é toda e qualquer atividade que seja realizada manualmente ou por meios primários, que utilize matérias primas, habilidade e criatividade (PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO [PAB], 2012), sendo resultado de relações sociais e transmissor dessas relações. O artesanato é “movido pela arte do saber e do fazer, influenciado pelo ambiente, pela cultura e pelas tradições locais” (POUSADA, 2005, p.39). Logo, além de subsidiar bens materiais para a comunidade que o produziu, expressar os valores coletivos e ser uma das principais fontes de renda para comunidades tradicionais rurais, ele é também essencial para a representação da identidade cultural de determinado grupo social.

Segundo Froehlich e Mello (2020), “com a crescente valorização do artesanato no circuito de consumo cultural, narrativas passaram a ser (re)criadas e materializadas em novas formas de fazer artesanais” (p.16). Estes autores perceberam que os processos de hibridação do artesanato impactaram positivamente a situação socioeconômica dos artesãos envolvidos no contexto de sua pesquisa. Além de trazer maior visibilidade às produções artesanais, do mesmo modo permitiu a manutenção de técnicas mesmo que de forma distinta da tradicional. Assim, como colocado por Paz (2015) o artesanato possui valor



social, como uma fonte de geração de renda e como um veículo renovado de expressões culturais, nesse caso como expressão da identidade quilombola.

Visto o que apresentamos anteriormente, entendemos que os sujeitos que produzem o artesanato o colocam enquanto uma ferramenta contra algumas consequências da sociedade capitalista, como a alienação e a invisibilidade das identidades culturais. Contudo, vale destacar que as inovações que acabam por ser absorvidas pelas práticas artesanais os conduzem durante gerações, na medida em que conseguem se renovar. Ainda, para o sociólogo britânico Anthony Giddens (1991, p.31) “a tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes”.

Concernente a isto, percebe-se que no artesanato ocorre uma reconversão econômica e simbólica, com a inserção de novos elementos vindos de outras culturas, mudanças na confecção, no consumo e na circulação, de modo a indicar para esse processo de reelaboração cultural e, por conseguinte, do artesanato (CANCLINI, 2003). Em vista disso, os sujeitos condicionam-se a se submeterem ao processo hegemônico da globalização e impelidos a reconverter seus símbolos culturais. Assim:

Sob a idéia-chave da diáspora, nós poderemos então ver não a “raça”, e sim formas geo-políticas e geo-culturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem. (GILROY, 2001, p.25).

Em suma, o artesanato é uma fonte de conceitos, significados e experiências das comunidades quilombolas, arquitetada nas características culturais e que se estabelecem enquanto referencial para os próprios sujeitos da comunidade, tornando-se um indicador de uma identidade cultural. A importância dessas compreensões coincide com o que o antropólogo argentino Canclini defende:

ayudar a discernir o que refuerza marginaciones arcaicas, las renueva o desafía. Sobre todo, para descubrir y comprender cómo pueden las culturas populares salir de su arriconamiento local y



participar competitivamente, con sus creaciones y saberes, en los intercambios globales (CANCLINI, 2004, p.86).

Ademais, fica evidente que no mundo capitalista globalizado, o artesanato, em específico o artesanato de trançado de palha de milho, pode vir a se perdurar, através da expressão identitária das comunidades quilombolas Linha Fão e Júlio Borges, auxiliando na construção dos territórios bem como no desenvolvimento territorial no Centro-Serra do Rio Grande do Sul.

4. O processo de hibridação cultural do artesanato as comunidades quilombolas Júlio Borges (Salto do Jacuí, RS) e Linha Fão (Arroio do Tigre, RS)

Nesta seção descreveremos as oficinas durante as quais realizamos a pesquisa a partir de observação participante, registros em diário de campo, entrevistas abertas e rodas de conversa. Considerando que o artesanato de trançado de palha de milho é um saber-fazer que vem sendo transmitido entre as gerações da comunidade de Linha Fão e em seu aspecto simbólico é uma expressão da identidade quilombola. Tem como característica a conservação sócio-histórico-cultural, pois é uma técnica que foi elaborada e transmitida desde a ancestralidade matriarcal presente nas comunidades. Contudo, atualmente tem recebido novas influências e significados, não sendo produzido nem utilizado da mesma forma que as gerações anteriores o faziam. Assim, identificamos que o artesanato de trançado de palha de milho produzido nas comunidades passa por um processo de recriação, revalorização e uma adaptação em seus usos e significados.

Figura 4: Artesanato de trançado de palha de milho realizado nas oficinas.



Fonte: Acervo NEDET – UFSM

No dia 10 de Outubro de 2018 fora realizado pelo NEDET uma oficina de trocas de saberes entre a comunidade Linha Fão, a comunidade quilombola Júlio Borges, três integrantes do Quilombo Vovó Isabel de Nova Palma/RS e uma assessora da A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater). O intuito fora apresentar os artesanatos produzidos nas comunidades e realizar uma troca de saberes da técnica do trançado de palha de milho. Contando com 40 participantes, a oficina foi mediada e coordenada pelos membros do NEDET. Na parte da manhã as artesãs apresentaram como seus artesanatos são produzidos, com quem aprenderam a técnica e a origem dos materiais utilizados. Também foi feita uma exposição sobre a importância do artesanato como expressão cultural, traçando um breve histórico do artesanato e de suas mudanças na atualidade por um membro do Núcleo e pela assessora da Emater, na perspectiva de auxiliar na construção dos territórios, bem como no desenvolvimento territorial. Na parte da tarde, as integrantes do quilombo Vovó Isabel relataram sobre a sua experiência com a agroindústria da comunidade e vivências com o artesanato. Por conseguinte, foram feitos três grupos que trabalharam com a palha de milho coordenados pelas artesãs da comunidade de Linha Fão.



Durante a oficina, a partir de entrevistas e do método da observação participante, foi possível identificar que as 8 artesãs presentes da comunidade Linha Fão ora dominam, ora tem uma boa noção da técnica do trançado com a palha de milho. Percebemos que as mulheres da comunidade desenvolvem uma diversidade de produtos com palha de milho e as atividades de confecção do artesanato, na qual é atribuído caráter de recreação e também como complemento de renda.

O artesanato já foi sua principal fonte de renda e, embora apreciem sua manufatura, a maioria informou não ter tempo para se dedicar ao artesanato, pois trabalham com a agricultura e outras atividades. No meio rural, destacam-se as desigualdades na divisão sexual do trabalho, de modo a mulher dividir o seu tempo entre a agricultura, o doméstico e aos seus familiares, caracterizando uma tripla jornada de trabalho.

Além disso, a começar pelas entrevistas questionou-se quais eram os tipos de artesanato produzidos e quais cursos as duas artesãs da comunidade Linha Fão tinham realizado. Uma delas relatou que fez cursos de artesanato em palha para aprimorar a técnica; e de artesanato de reciclagem, mas que atualmente trabalha apenas com o artesanato em palha, em específico o “suflat”. Ademais, a informante relatou que tem vontade de expandir seus conhecimentos de artesanato. A outra artesã relatou que realizou cursos de artesanato de reciclagem e de artesanato com biojóias, nos quais aprendeu a utilizar materiais como: litro de pet, jornal, papelão, vidro e lata. E ainda fez um curso de costura na qual realizou a compra de uma máquina de costura no ano de 2018, pelo Programa Fomento Rural, relatou igualmente que aprendeu a costurar inicialmente com uma parente e que busca fazer as costuras com base na reutilização de tecidos.

Vale ressaltar outra ação realizada, também pelo NEDET, no dia 28 de agosto de 2019 foi realizada uma oficina de conservação e aprimoramento das técnicas em palha de milho com a Comunidade Quilombola Linha Fão e a artesã Renilde Cembrani Raminelli, de Ibarama - RS. A atividade contou com a participação de 10 mulheres da comunidade, tendo como propósito realizar uma troca de conhecimentos sobre técnicas, materiais de conservação, pigmentação e aperfeiçoamentos da palha de milho e dos produtos artesanais elaborados na Comunidade Quilombola Linha Fão. Em ambas as atividades se fez uso de uma metodologia dialógica e participativa, em que todos os participantes (público e oficineiros) não foram meros receptores ou transmissores, mas participaram e se



envolveram nos debates, contribuindo com seus saberes tradicionais, científicos, técnicos, informações e experiências sobre o tema.

A realização dessas oficinas colaboraram para a preservação sócio-histórico-cultural do artesanato de palha de milho, a valorização da identidade territorial e visibilidade às produções artesanais, sendo ainda utilizada como recurso econômico e para o desenvolvimento territorial.

Na comunidade de Júlio Borges percebemos que as artesãs das comunidades sabem fazer diversos tipos de artesanatos, como costuras, reutilização de tecidos, crochês e tricô. Além de diversas outras técnicas que aprenderam através de meios externos como as redes sociais, os programas televisivos, os cursos ministrados por entidades extensionistas e também através do saber compartilhado entre as informantes. As produções artesanais são feitas com materiais provindos do território, materiais reciclados e externos, adquiridos no comércio. Apontamos que as formas como as artesãs aprenderam as técnicas e os materiais utilizados indicam o processo de hibridação cultural na produção territorial do artesanato. Acrescido a isto, percebemos que ambas as comunidades possuem formas de artesanato distintas, contudo, o processo de hibridação cultural em que as práticas tradicionais são atualizadas e ressignificadas está presente em ambas, embora não se manifeste da mesma forma.

Figura 5: Artesanato de trançado de palha de milho e reciclados realizado nas oficinas.



Fonte: Acervo NEDET - UFSM

5. Considerações Finais

Concluimos que o artesanato produzido nas comunidades passa por um processo de recriação, revalorização e uma adaptação em seus usos e significados. Visto que, atualmente tem recebido novas influências e significados, não sendo produzido nem utilizado da mesma forma que as gerações anteriores o faziam. Também pode-se notar que as duas comunidades possuem formas de artesanato distintas, contudo, percebemos que o processo de hibridação cultural em que as práticas tradicionais são atualizadas e ressignificadas está presente em ambas se apresentando de forma distinta.

Além disso, pontuamos o artesanato como uma singularidade e expressão da identidade quilombola que pode ser mobilizada em nome do desenvolvimento territorial. Também compreendemos que a realização das oficinas de inclusão produtiva ajudaram na preservação sócio-histórico-cultural do artesanato de trançado de palha de milho, na valorização da identidade territorial e visibilidade às produções artesanais, sendo ainda utilizada como recurso econômico e para o desenvolvimento territorial.



Por fim, é importante ressaltar que o artesanato possui maiores chances de subsistir quando é acionado como expressão identitária de um território no contexto do mundo contemporâneo globalizado. Por fim, ressaltamos a relevância de refletir sobre a identidade territorial no contexto quilombola e de se aprofundar a reflexão sobre processos de hibridação em contextos de interculturalidade no Rio Grande do Sul, trazendo visibilidade a códigos, sociabilidades, saberes e fazeres ainda pouco valorizados, tanto nos meios acadêmicos quanto nos centros de pesquisa e inovação.

Referências

BAQUAQUA, M. G. **Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua**: um nativo de Zoogoo, no interior da África. Tradução de Lucciani M. Furtado. São Paulo, SP: Uirapuru, 2017. Título original: Biograph of Mahommah G. Baquaqua, a native of Zoogoo, in the interior of Africa.

BUTI, Rafael Palermo. **Relatório Antropológico de caracterização histórica, econômica e sociocultural da comunidade remanescente de quilombo Linha Fão (Arroio do Tigre/RS). (Não publicado no DOU)**. Porto Alegre: INCRA/RS, 2014

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **La globalización: ¿ productora de culturas híbridas?**. In: Actas del III Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular IASPM-AL. Bogotá, Colombia, 2000.

_____. (Org.) **Políticas Culturais para o Desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas da la interculturalidad**. Barcelona: Gedisa editorial, 2004.

COELHO, Letícia Moreira. **Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sociocultural Comunidade Remanescentes de Quilombo Júlio Borges (Salto do Jacuí/RS)** (Não publicado no DOU). Porto Alegre: TERRA AMBIENTAL/INCRA-RS. 2014

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34; Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, F. dos S. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1 ed. São Paulo, SP: Claro Enigma, 2015. (Coleção Agenda brasileira).

2021

X Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Atores, Ativos
e Instituições:
O Desenvolvimento
Regional em perspectiva



Dias 15, 16, 17, 23 e 24 de setembro de 2021
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul

MOURA, C. **Rebeliões da Senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. 6 ed. São Paulo, SP: Anita Garibaldi, 2020.

POUSADA, Carmen. **O Brasil dos artesãos**. In: LEAL, Joice J. Um olhar sobre o design brasileiro. São Paulo: Objeto Brasil e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

PAZ, E. F. de. La valorización artesana y su repercusión turística. El caso de Chile. **Pasos**: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 13 (2), 375-393. 2015.

PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO (PAB). **Base conceitual do artesanato brasileiro**. Brasília: Ministério Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2012.